

# REGISTROS RUPESTRES NO PARÁ.

## A contribuição de cronistas, viajantes e naturalistas

Edithe Pereira

### RESUMO

Apresentamos a contribuição deixada por cronistas, viajantes e naturalistas para o conhecimento dos registros rupestres no Estado do Pará. A sistematização das informações permitiu observar a distribuição espacial dos locais com registros rupestres, três áreas de concentração e algumas características gerais para as gravuras da região noroeste do Pará.

*Palavras-chave:* Registros rupestres, Arqueologia, Pré-história Amazônica.

### ABSTRACT

We present a contribution let by chroniclers, travelles and naturalists for the knowledge of the rock art in the State of Pará. The sistematization of the informations permitted to remark a spatial distribution of the plans with rock art, three areas of concentrations and some general characteristics for the petroglyphs of the North West region of Pará.

*Key words:* Rock art, Archaeology, Amazonic prehistory.

A grande maioria das informações sobre a existência de locais com pinturas e com gravuras rupestres na Amazônia é proveniente dos relatos deixados por cronistas, viajantes e naturalistas. A quantidade de informações registrada nesta literatura torna a Amazônia, provavelmente, a região brasileira detentora do maior número de informações sobre esses vestígios arqueológicos durante os séculos XVII, XVIII e XIX.

A literatura arqueológica<sup>2</sup> de fins do século XIX e primeira metade do século XX tem nos relatos de viajantes e naturalistas a sua principal e, às vezes, única fonte de informação para a indicação de locais com registros rupestres na Amazônia.

---

<sup>1</sup>SCT/CNPq/MPEG/Dptº Ciências Humanas

<sup>2</sup>Esta literatura é constituída por um conjunto de obras que se caracterizam por abordar temas gerais de Arqueologia Brasileira seja através de sínteses nacionais, regionais ou temáticas. Citamos entre outras as obras de Araripe, 1887; Neto, 1885; Moraes, 1924; Mattos, 1938; Ramos, 1930/39; Rouse, 1949; Carvalho, 1909; Pereira Jr., 1952.

A partir da década de 50 quando as pesquisas arqueológicas começam a se desenvolver de forma sistemática na região, as prioridades de pesquisa são orientadas na procura de sítios portadores de material cerâmico. Essa opção teve como consequência a desconsideração de outros vestígios materiais - como p. ex. as pinturas e gravuras rupestres - no desenvolvimento das pesquisas.

Essa carência de estudos sistemáticos voltados para os registros rupestres na Amazônia<sup>32</sup> está refletida na literatura arqueológica recente (Pallestrini, 1969; Camargo, 1970; Dias, 1969; Colonelli & Magalhães, 1975; Albano, 1982; Guidon, 1983; Beltrão & Fenelón, 1972; Prous, 1989; Prous, 1991) cujas referências sobre registros rupestres na Amazônia ainda se mantêm vinculadas, principalmente, as informações deixadas por cronistas, viajantes e naturalistas.

Porém, o resgate dessas informações, quase sempre utilizadas de maneira superficial, acabou ficando obscurecido no quadro do conhecimento sobre os registros rupestres no Brasil. Desta forma, nas sínteses classificatórias dos registros rupestres brasileiros, a Amazônia é praticamente esquecida, aparecendo somente algumas informações esparsas de viajantes e de naturalistas.

No entanto, as observações de viajantes e de naturalistas transformaram-se em fontes valiosas para o conhecimento das potencialidades arqueológicas da Amazônia, em especial para o conhecimento dos registros rupestres.

A grande curiosidade que envolve as pinturas e gravuras rupestres, não atingiu somente os viajantes dos primeiros séculos de conquista e os naturalistas do século XIX. Em uma bibliografia bastante diversificada, publicada na primeira metade do século XX, encontramos inúmeras informações sobre a existência de pinturas e de gravuras rupestres na Amazônia, particularmente, no Estado do Pará.

A riqueza de informações que pode ser extraída desses relatos nos permite, hoje, ir além da simples referência a existência de registros rupestres na região. Sistematizar essas informações é dar o primeiro passo no sentido de conhecer os registros rupestres da Amazônia.

---

<sup>3</sup>Uma das poucas exceções é o trabalho de Ribeiro, et alli (1987) e Ribeiro, et al (1986/87/89) que trás os resultados de suas pesquisas na região de Roraima.

Este trabalho apresenta as contribuições sobre a existência de pinturas e gravuras rupestres no Estado do Pará deixadas por aqueles que frequentaram a região por diversas atividades<sup>4</sup>

### **A notícia Histórica**

Durante os primeiros séculos de conquista, religiosos de diversas ordens penetraram no interior da Amazônia mantendo o controle de uma extensa área. A mais antiga informação sobre a existência de registros rupestres no Estado do Pará é proveniente de uma dessas viagens que visavam à catequização de índios e a procura de ouro. Trata-se da viagem que fez, em 1656, o Pe. João de Sotto Mayor através do rio Pacajá (afluente do rio Pará). A descoberta é relatada da seguinte forma:

*"Achei no penêdo lavrado ao ferro, e n'elle algumas caras, tão feias e disformes que se poderia attribuir ao demônio, o que entendi assim pelo feitio dos lavores como pela figura de um crocodilo, que por outra face do penêdo estava lançado (...)" (Mayor, 1914:167).*

A antiguidade deste registro faz dele, provavelmente, o segundo mais antigo do Brasil<sup>5</sup>. Dentre os relatos provenientes do século XVIII verificamos a existência de duas menções sobre a ocorrência de registros rupestres no Pará. Uma delas é do Pe. João Daniel que, ao registrar "algumas coisas notáveis do rio Amazonas", descreve como "pegadas de gente e signos" as gravuras que observou nas primeiras cachoeiras do rio Xingu (Daniel, 1976:57).

Bartholomeu Bueno de Campos Leme e Gusmão divide com o Pe. João Daniel as informações provenientes do século XVIII. Em sua viagem pelo rio Araguaia comenta a existência de um paredão onde "(...) estão esculpidos os Martyrios"<sup>6</sup> (IN: Siqueira, 1886:21).

---

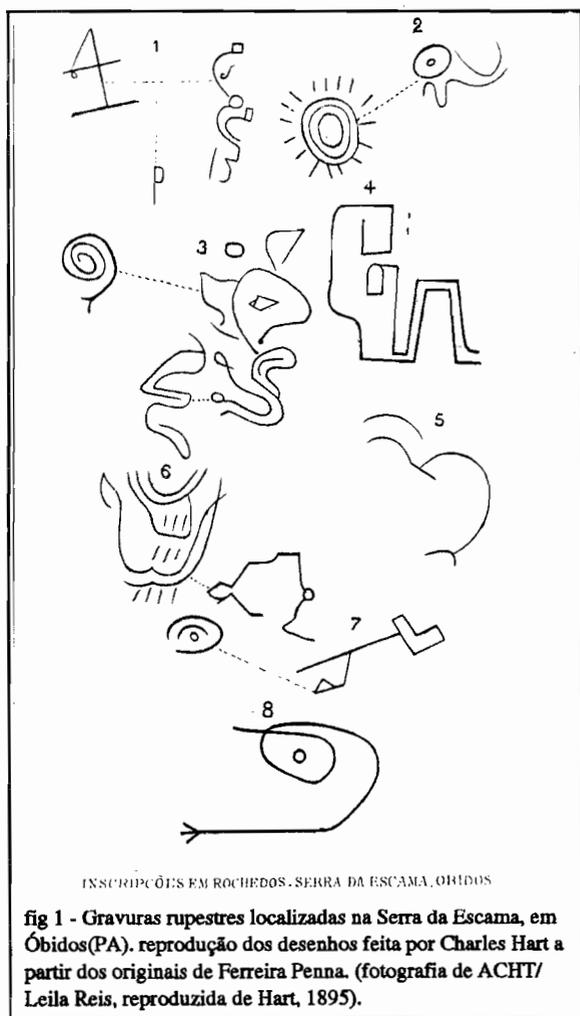
<sup>4</sup> Utilizamos para este fim somente as fontes originais, ou seja, os relatos daqueles que observaram diretamente a existência de pinturas e/ou gravuras rupestres e sobre elas deram informações.

<sup>5</sup> O primeiro é atribuído a Fernandes Brandão, que registrou em 1598, a existência de gravuras rupestres no atual Estado da Paraíba.

<sup>6</sup> Os Martírios a que se refere Bartholomeu Gusmão são as gravuras cujas formas representam, segundo a lenda local, os instrumentos do martírio de Cristo

Apesar de serem pouco precisas quanto à localização e/ou à descrição das figuras, essas informações tornaram-se importantes pela antiguidade do registro.

O século XIX é marcado pelas viagens de caráter científico-exploratório e, nesse período, a Amazônia teve uma atenção especial por parte dos naturalistas que atraídos pela exuberância da fauna e flora empreenderam numerosas viagens para diversos pontos da região. O Estado do Pará foi uma das áreas mais beneficiadas em termos de conhecimento produzido pelos naturalistas e de informações fornecidas por viajantes que percorreram a área.



Durante a primeira metade do século XIX o número de informações sobre a existência de registros rupestres no Pará ainda era reduzido. Destacamos as informações dadas por Baena (1839:29) sobre gravuras no rio Tocantins e as de Wallace (1979:100) sobre as pinturas de Monte Alegre.

Na segunda metade do século XIX a literatura registra uma grande quantidade de informações sobre locais com pinturas e com gravuras rupestres. Nesse período, as expedições científicas-exploratórias são a-crescidas pelas viagens da Comissão Geológica do Brasil, criada em 1874. Charles Hartt e Orville Derby, membros desta Comissão, informam sobre a existência de pinturas rupestres na Serra do Ererê (Figura 1), em Monte Alegre e no

Morro do Ca-chorro, no rio Cachorro; e sobre as gravuras da Serra da Escama, em Óbidos (Hartt, 1897/98:334-335; Hartt, 1895:308; Derby, 1897/ 98: 371,380) .

Os pesquisadores-viajantes Henri e Olga Coudreau, que empreenderam diversas viagens pelos rios amazônicos, forneceram importantes informações escritas e visuais (desenhos e fotos) sobre a existências de registros rupestres no Estado do Pará. Henri Coudreau informa sobre a existência de gravuras rupestres nos rios Xingu (Figura 2) e Bacajá (Coudreau, 1977:118,1260), Araguaia (Coudreau, 1897: 104) e Tueré (Coudreau, 1889:119) e sobre pinturas rupestres no rio Tapajós (Coudreau, 1977a:124). Olga Coudreau registra nos rios Cuminá (Figura 3) e Maicuru a ocorrência de gravuras rupestres (Coudreau, 1901:176-177; Coudreau, 1903:mapa nº13).

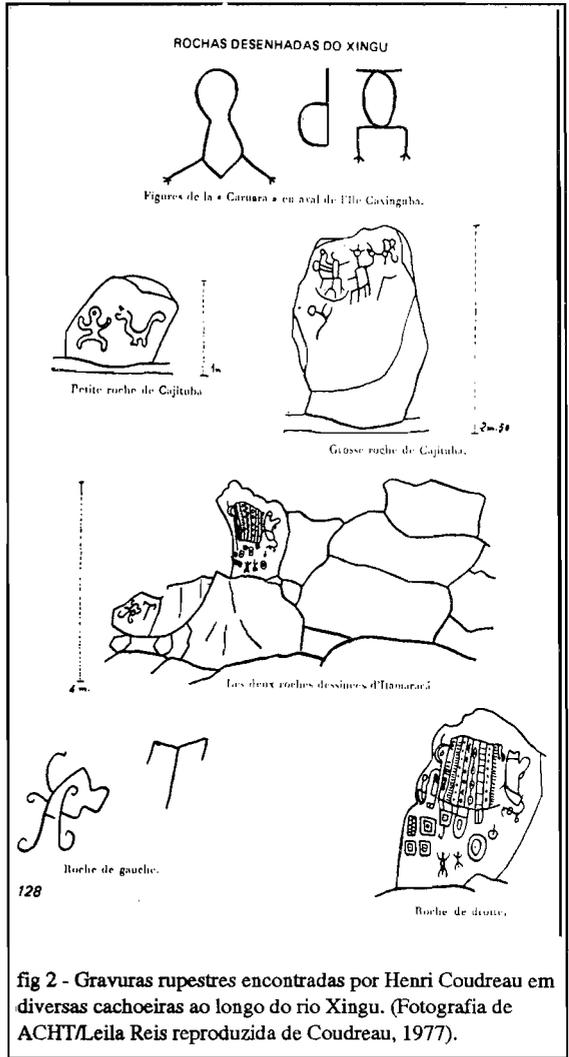


fig 2 - Gravuras rupestres encontradas por Henri Coudreau em diversas cachoeiras ao longo do rio Xingu. (Fotografia de ACHT/Leila Reis reproduzida de Coudreau, 1977).

No rio Cuminá, ao deparar-se com o primeiro conjunto de gravuras rupestres localizadas na cachoeira Cajal, Olga Coudreau fez o seguinte comentário:

*"Eu não sei se uma pictografia tão rudimentar serviu um dia para alguma coisa. Eu notarei portanto com cuidado todas as pedras desenhadas que vir no rio. Pode ser que elas*

*contribuam mais tarde para comprovar antigos produtos entre grupos humanos às vezes muito distantes" (Coudreau, 1901:34)*

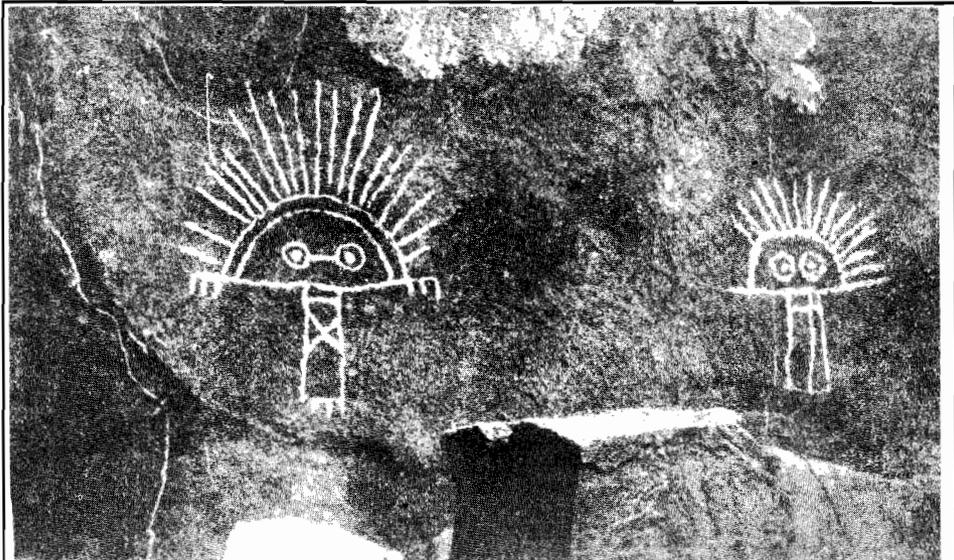


fig 3 - Gravuras rupestres encontradas na Cachoeira Resplendor, rio Cuminá. (fotografia de Antônio Pinheiro reproduzida de Coudreau, 1901.

A preocupação mostrada por Olga Coudreau nesta frase é comprovada ao longo da obra "Voyage au Cuminá" na qual, além de reproduzir as formas que encontrava gravadas nas rochas, também indica os locais no mapa que elaborou para o referido rio (Figura 4). Na obra "Voyage au Maicuru" Olga Coudreau não chega a mencionar no texto a ocorrência de gravuras rupestres. No entanto, no mapa que elaborou para este rio, ela localiza, logo abaixo da cachoeira Secca, a existência de "pedras desenhadas".

A obra de Henri e Olga Coudreau destaca-se, em termos de informações arqueológicas, como a que mais informações forneceu sobre a existência de registros rupestres no Estado do Pará. De um total de 42 informações 17 foram registradas pelos referidos naturalistas-viajantes.

Da mesma forma, o geólogo canadense Charles Hartt contribui de maneira importante para o conhecimento dos registros rupestres no Pará ao publicar o trabalho "Inscrições em rochedos no Brasil" que, não obstante o título, trata-se quase que exclusivamente dos registros rupestres

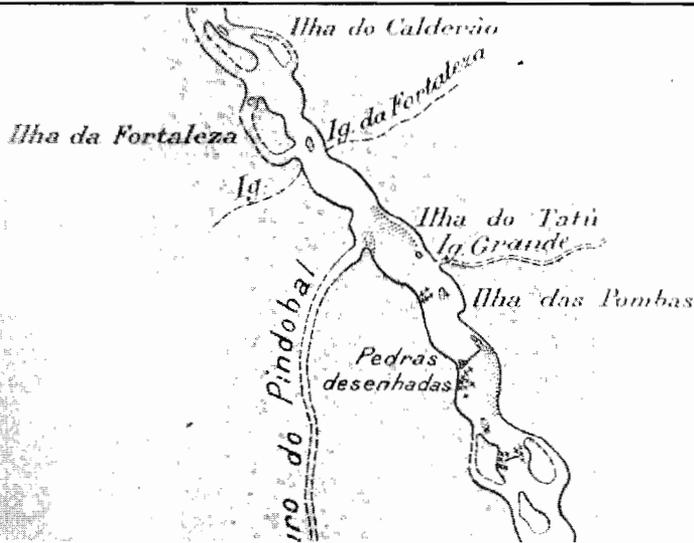


fig 4 - Detalhe do mapa elaborado por Olga Coudreau para o rio Cuminá com a indicação de um local com gravuras rupestres. (Fotografia de detalhe de Edithe Pereira reproduzida de Coudreau, 1901)

do Pará (Hartt, 1895:301-310). Hartt foi o primeiro a publicar as pinturas rupestres de Monte Alegre (Figura 5).

Desse período existem ainda outras informações indicando a existência de gravuras rupestres nos rios Cuminá (Souza, 1946: 19,21), Araguaia (Rohan, 1904:8) e Xingu (Neto, 1885: 541) (Figura 6); e de pinturas rupestres no rio Tapajós (To-cantins, 1887:104).

Na primeira metade do século XX as informações sobre locais com registros rupestres estão contidas em trabalhos e/ou relatos de viajantes, geólogos, escritores (romancistas), etnólogos, indigenistas e de membros da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites. Nessa literatura, as informações variam

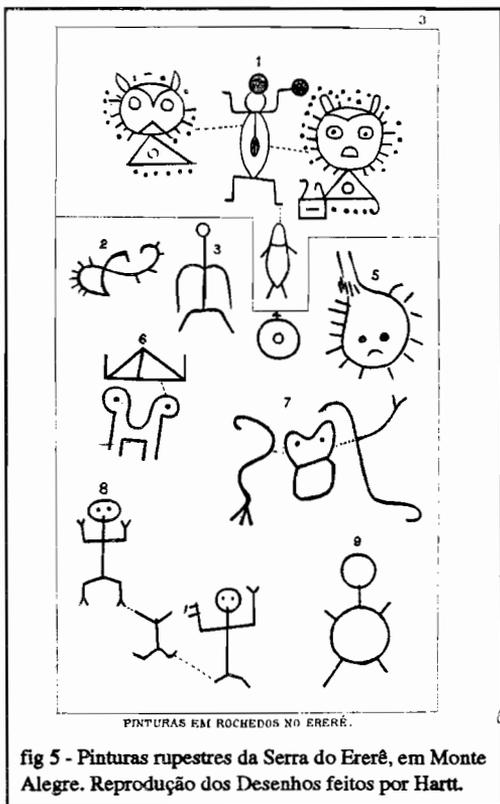
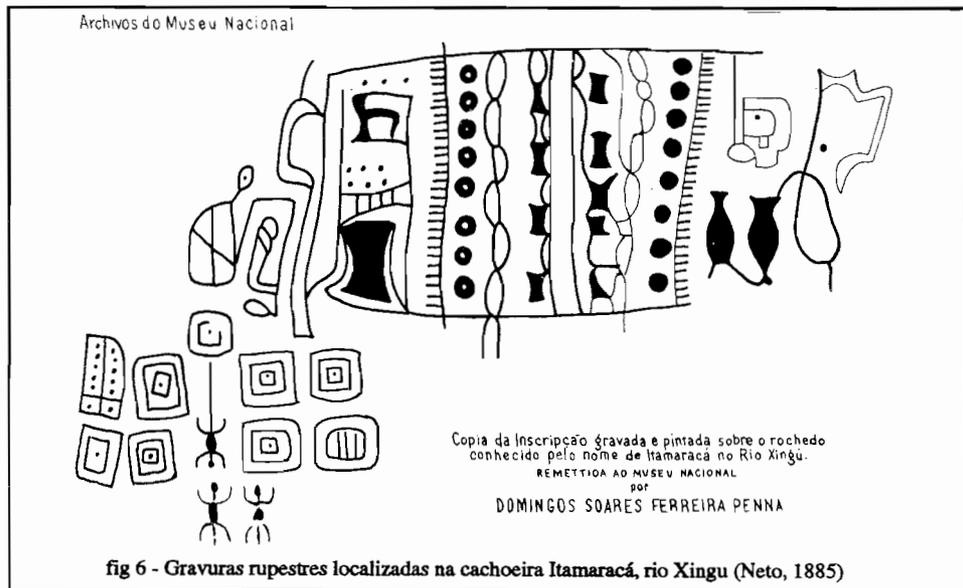


fig 5 - Pinturas rupestres da Serra do Ererê, em Monte Alegre. Reprodução dos Desenhos feitos por Hartt.

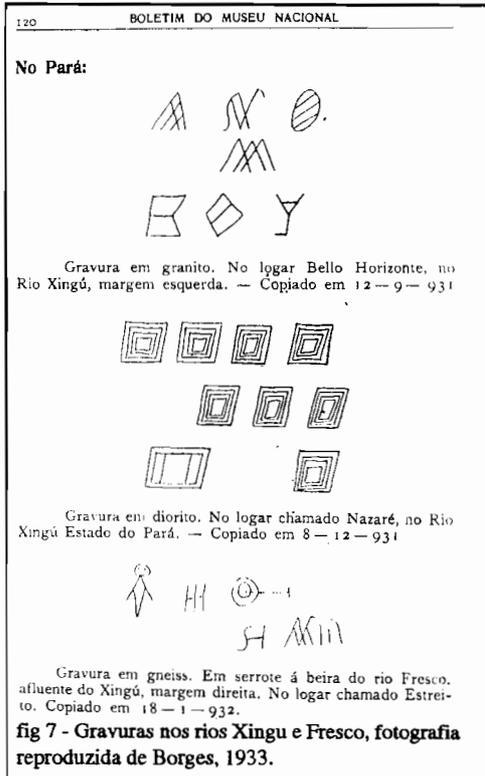
bastante quanto ao nível de detalhes oferecido. A maioria das obras



contém rápidas menções quanto à localização indicando, as vezes, as formas dos grafismos, o estado de conservação, as dimensões e, algumas

vezes, ilustração (Katzer, 1933: 103, 115, 209; Oliveira, 1928:14; Oliveira, 1928a:30; Albuquerque, 1922:52-53, 70-71; Borges, 1933:120-121 (Figura 7); Moura, 1910:120;

Rauschert, 1956:111-112; Aguiar, 1942:309-310; Cruls, 1954: 124, 131 (Figura 8 e 9); Friel 1961:16). Outras obras dedicam um pouco mais de atenção ao assunto indicando, com maior precisão, o local onde se encontram, descrevendo e ilustrando de forma mais detalhada os grafismos (Rondon, 1953: 50-55, 60 (Figura 10); Lagenest, 1958: Ehrenreich, 1948: 89-93; Friel, 1963:488-489). Poucos, no entanto, dedicam-se a escrever artigos inteiros sobre o assunto (Vellard,



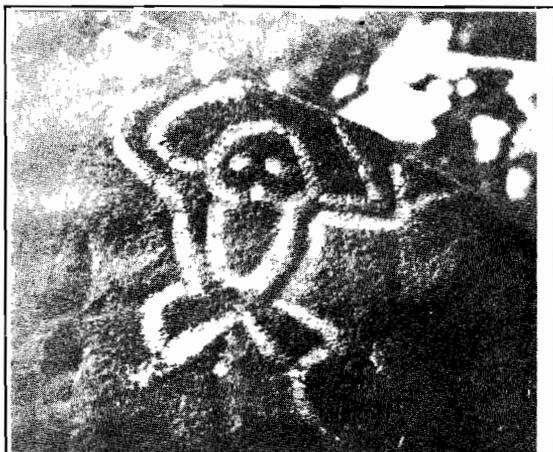


fig 8 - Gravura localizada na cachoeira da Zoada, rio Cuminá. (fotografia de Antônio Pinheiro reproduzida de Cruls, 1954).

1931; Rauschert, 1959) (Figura 12 e 13).

Independente do nível de precisão oferecido, todas as informações tornam-se importantes para o conhecimento inicial dos registros rupestres de uma região tão pouco estudada, nesse campo, como é o Estado do Pará.

A importância dessas informações é ressaltada ainda

mais, quando comparadas com a produção científica sobre arqueologia no Pará a partir da década de 50. Em quatro décadas de pesquisa arqueológica, as informações sobre pinturas e gravuras rupestres no Pará são limitadas ao cadastramento de sítios em relatórios de viagem e/ou de pesquisa que raramente chegam a ser publicados (Pe-rota, 1977/78; Araújo Costa & Caldarelli, 1988; Araújo Costa, et al., 1986; Atzingen, 1989; Perota, 1977/78; Simões & Araújo Costa, 1978).

O número de sítios com registros rupestres cadastrados por estas pesquisas não alcançam a metade do número de informações oriundas da literatura não especializada, e praticamente nenhum deles foi assunto de pesquisa ou artigo científico<sup>7</sup>.



Fig 9 - Gravura localizada na cachoeira Zoada, rio Cuminá. (fotografia de Antônio Pinheiro, reproduzida de Cruls, 1954).

<sup>7</sup>A única exceção é o relatório que M. Consens (1989) apresentou à UPPa contendo a avaliação do potencial arqueológico do Município de Monte Alegre.

O procedimento de cadastro dos sítios com pinturas e/ou gravuras rupestres registrados por estas pesquisas fornece informações descritivas e



Fig 10 - Gravuras rupestres encontradas por Cândido Rondon na cachoeira Taruma, rio Cuminá. Fotografia de Edithe Pereira reproduzida de Rondon, 1853).

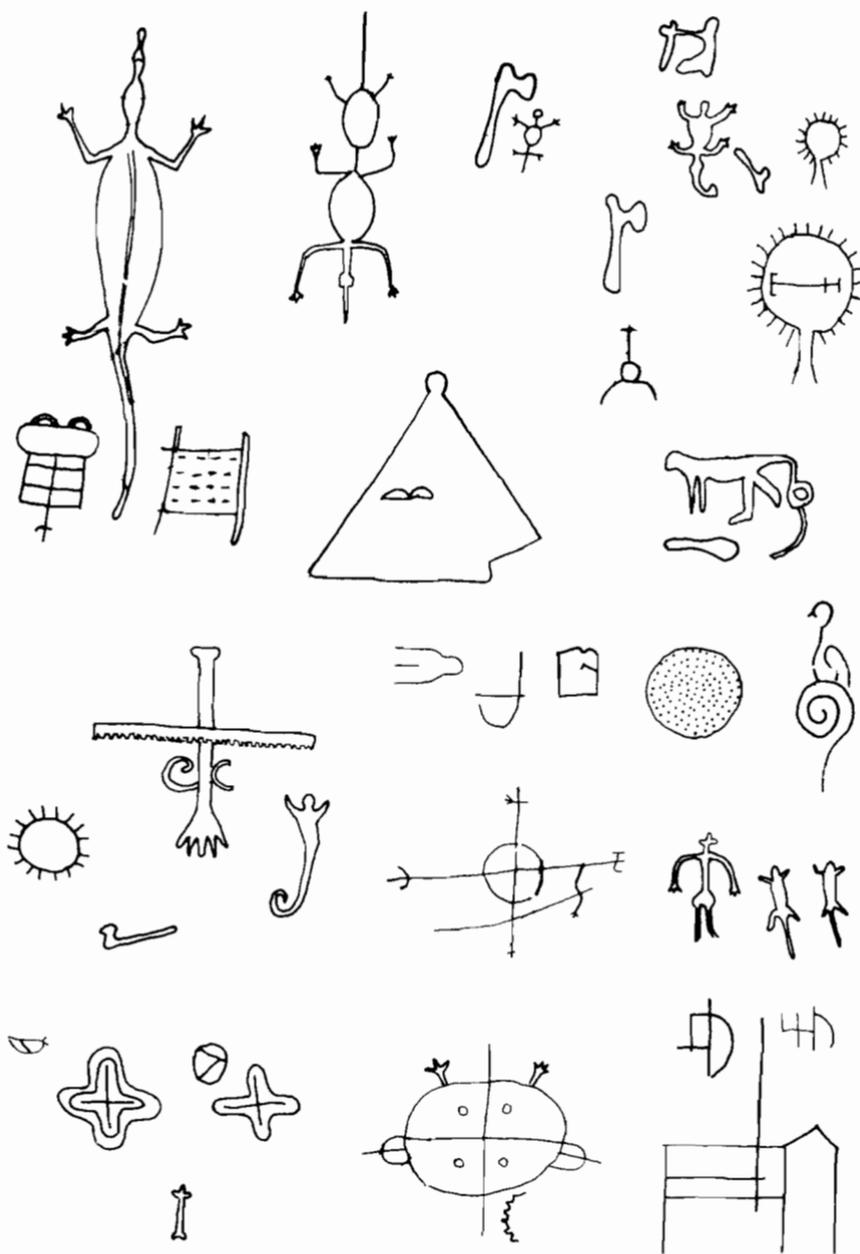
gerais que se limitam a localização do sítio (nem sempre precisa), ao tipo de registro e algumas vezes às formas de apresentação dos grafismos. Vale ressaltar que este procedimento não implica, necessariamente, um estudo da matéria, e sim, unicamente, o registro de um local com vestígios arqueológicos. Este procedimento já era usado, de forma não sistemática, desde o século XVII.

O que se constata, diante destes dados, é que a grande colaboração para o conhecimento da existência de locais com registros rupestres no Pará, até meados da década de 80, vem muito mais da parte de pessoas ligadas a outras atividades que não aquelas relacionadas à pesquisa arqueológica.

### **contribuição dos cronistas, viajantes e naturalistas**

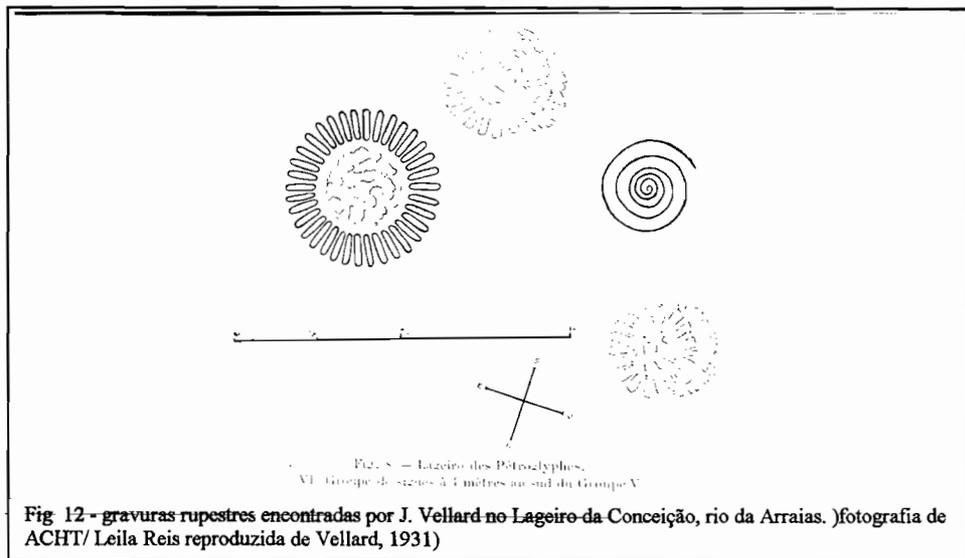
A primeira vista a maior contribuição deixada pelos cronistas, viajantes e naturalistas, foi o grande número de informações sobre lugares com registros rupestres. Foram identificados através dessa bibliografia 42 locais com pinturas e/ou gravuras rupestres no Estado do Pará, (Fig. 14).

A grande maioria destas informações indica a existência de registros rupestres às proximidades dos cursos d'água (Tabela 1). O registro destas manifestações gráficas em serras é, quantitativamente, menor como pode ser observado comparando as Tabelas 1 e 2.



Grupos de petroglifos da Ilha dos Martírios (tamanho muito reduzido).

Figura 11 - Reprodução feita por Ehrenreich para algumas Gravuras localizadas na Ilha dos Martires, rio Araguaia (Ehrenreich, 1948)



### TABELA 1

Relação de rios onde foram registrados a existência de pinturas e gravuras rupestres

LOCALIZAÇÃO GERAL	GRAVURAS	PINTURAS
RIO ARAGUAIA	2	-
RIO DAS ARRAIAS	1	-
RIO TOCANTINS	2	-
RIO XINGU	7	-
RIO BACAJÁ	1	-
RIO FRESCO	1	-
RIO PARU	2	-
RIO MAICURU	1	-
RIO TAPAJÓS	-	1
RIO CUMINÁ	13	-
RIO PARU DE OESTE	1	-
RIO MURAPI	1	-
IGARAPÉ CAMPO GRANDE	1	-
RIO IPITINGA	1	-
RIO PACAJÁ	1	-
RIO TUERÊ	1	-

**TABELA 2**

**Relação das serras onde foram registrados existência de pinturas e gravuras rupestres**

LOCALIZAÇÃO GERAL	GRAVURAS	PINTURAS
SERRA DO ERERÊ	-	1
SERRA DO SOL	-	1
SERRA DA ESCAMA	1	-
SERRA DO TUMUCUMAQUE	1	-
MORRO DO CACHORRO	-	1

A grande quantidade de informações sobre a existência de registros rupestres em locais ribeirinhos parece estar diretamente relacionada às características geográficas da região. Os rios na Amazônia constituem caminhos naturais e foram, durante muito tempo, a via de acesso principal e o local por onde se mantinha o controle da região. Essa situação levou a grande maioria daqueles que percorreram a região, durante os primeiros séculos de penetração e conquista, a limitar, muitas vezes, suas observações a pontos não muito distantes das margens dos rios. Desta forma, é compreensível que o maior número de informações seja proveniente dos locais próximos aos cursos d'água.

O caminho até as serras não constituía uma via natural, pelo contrário, o difícil acesso até elas fazia com que só fossem visitadas quando havia algum objetivo específico, como é o caso, p. ex., dos trabalhos de reconhecimento geológico realizados em fins do século XIX e início do século XX. Esse motivo, provavelmente, limitou o número de informações sobre a existência de registros rupestres em serras ou em locais afastados dos cursos d'água.

Com base no conjunto de informações disponíveis foi possível observar a existência, de pelo menos, três grandes áreas com registros rupestres no Pará: a) a região dos rios Araguaia/Tocantins; b) a região do rio Xingu e; c) o Noroeste do Pará. (fig. 14)

A área que apresenta o maior número de indicações sobre estas manifestações gráficas é o noroeste do Pará. Nessa região, o rio Cuminá, afluente do rio Trombetas pela margem esquerda é a área que apresenta o maior número de informações. Ao longo do seu curso foram registrados 13 locais com registros rupestres.

Uma particularidade das indicações obtidas para este rio é a ausência de repetição de uma mesma informação. Dos 16 locais assinalados apenas as gravuras existentes nas cachoeiras Resplendor, Paciência e Ponta do Tucumã foram registradas por mais de um autor, todas as demais parecem ter sido observadas, ou pelo menos registradas, por uma única pessoa.

A situação inversa, ou seja, a de um mesmo local ser visitado e registrado por diversas pessoas, ocorre de formas mais constante, em outras áreas. O local que apresenta o maior número de referências é a Ilha dos Martírios, no rio Araguaia. Conhecida desde o século XVI, a referida ilha quase sempre foi mencionada pelos que navegaram no Araguaia. As lendas que cercavam este local levaram a que ele fosse citado até mesmo por aqueles que não chegavam a visitá-la, como foi o caso, por exemplo, de Francis Castelnau que, passando pela ilha e já tendo conhecimento da existência das gravuras, fez o seguinte comentário:

*" (...) Conta-se ainda que se encontram sobre as rochas desenhos de colunas, jacarés, serpentes, etc. (...) acreditamos que no lugar em questão existiram rochedos com inscrições semelhantes às encontradas no rio Orenoco, no Essequibo, etc. Entretanto, nenhuma foi encontrada por nós." (Castelnau, 1949:323).*

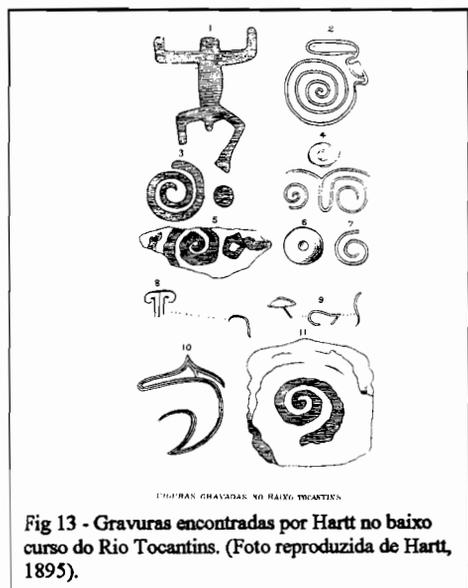
A Serra do Ererê, localizada próximo à cidade de Monte Alegre, a Serra da Escama, localizada próximo a cidade de Óbidos e o Morro do Cachorro, situado no rio de mesmo nome, foram locais bastante visitados, principalmente em fins do século XIX e início do século para estudos geológicos.

*Além dos dados quantitativos uma série de outras informações puderam ser obtidas a partir de uma análise mais detalhada do conjunto de informações bibliográficas. Podemos observar, p. ex., que as gravuras estão localizadas, geralmente, junto ao leito de rios e as pinturas em paredões e grutas no alto de serras. Contrariando essa regra foram registrados alguns locais onde as pinturas ocorrem nas margens de rios e gravuras no alto de serras, conforme as descrições de Albuquerque, 1922;*

Derby, 1897/98; Frikel, 1969; Hartt, 1895; Katzer, 1933; Neto, 1885 e Tocantins, 1887.

O estado de conservação dos registros rupestres foi descrito por alguns autores mais cuidadosos na sua observação. Charles Hartt (1895:302) foi um, entre outros, que registrou a conservação dos registros rupestres. Ele faz o seguinte comentário com relação as gravuras que observou no rio Tocantins (Figura 13):

*" Observa-se que uma ou outra vez a mão de quem nelles trabalhou, por impericia, errou o traço, estragando as figuras. Estas são de ordinário talhadas nos lados dos blocos de rocha e mostram estarem bastante gastas; muitas são diffícies de traçar e a maior parte acha-se mais ou menos cobertas por uma brilhante crosta negra de manganez, depositada pela água."*  
(Hartt, 1895:302)



A análise dos desenhos e fotografias dos registros rupestres contidos na bibliografia consultada permitiu observar algumas características para os registros rupestres do Estado do Pará. Essas características são bastante gerais visto a natureza fragmentada da informação uma vez que, a maioria dos autores reproduz apenas alguns grafismos, selecionados de acordo com critérios próprios de cada observador<sup>8</sup>.

Apesar das limitações impostas pelas fontes visuais disponíveis foi possível verificar que as

representações antropomorfas e zoomorfas ocorrem em grande quantidade

<sup>8</sup> Esta prática pode ser detectada no relato de Paul Ehrenreich sobre os grafismos da Ilha dos Martírios. Segundo ele "(...) observa-se, nos blocos de pedra do chão, um grande número de esculturas rupestres que se incluem entre as mais curiosas de todo o continente (...). As figuras, das quais copiamos somente as mais importantes em rápido bosquejo (...)" (Ehrenreich, 1948:90).

por toda a área do Estado do Pará. As figuras antropomorfas estão representadas, geralmente, de maneira frontal e com os braços e as pernas fletidos para cima e para baixo, respectivamente, indicando ausência de movimentos. Já as figuras zoomorfas são representadas, principalmente, de perfil com algumas poucas indicações de movimento.

Os grafismos não-reconhecidos também ocorrem por toda a região e se apresentam nas mais variadas formas.

O noroeste do Pará apresentou o maior número de informações. Nessa região estão concentrados 25 dos 42 locais indicados para todo o Estado do Pará. O número de informações visuais disponíveis favoreceu a análise dos grafismos tornando possível observar as seguintes características.

1. Predomínio dos grafismo reconhecidos, representados majoritariamente por figuras humanas portadoras dos traços identificatórios do rosto (olhos, nariz e boca) e de figuras zoomorfas;
2. Os grafismos reconhecidos (antropomorfos e zoomorfos) são representados predominantemente em posturas estáticas;
3. Os grafismos não-reconhecidos ocorrem em quantidade minoritária e se apresentam elaborados de maneira a mostrar o domínio de uma técnica de gravuras com formas arredondadas;
4. Figuras elaboradas em tamanho superior a 50 cm.

Com relação as pinturas rupestres a literatura registra apenas quatro locais: a Serra do Ererê, a Serra do Sol, o Morro do Cachorro e rio Tapajós. Desses, somente as figuras do Morro do Cachorro não foram reproduzidas.

As pinturas das Serras do Ererê e do Sol, reproduzidas por Hartt (1985) (Figura 5) formam, quantitativamente, o conjunto mais expressivo de informações visuais sobre este tipo de vestígio no Estado do Pará. Por este motivo restringimos a análise das pinturas rupestres a esse conjunto gráfico.

As pinturas rupestres das Serras do Ererê e do Sol apresentam uma série de figuras antropomorfas representadas de forma estática e com os traços identificatórios do rosto (olhos, boca e nariz). Essas figuras apresentam o interior do corpo preenchido completamente ou com desenhos geométricos. Observa-se ainda, entre os grafismos reconhecidos a representação exclusiva de rostos e figuras zoomorfas. Uma série de

grafismos não-reconhecidos também foram registrados nessa região. Segundo Hartt, as pinturas rupestres dessa área ocorrem nas cores vermelho e amarelo e possuem grandes dimensões.

## Conclusão

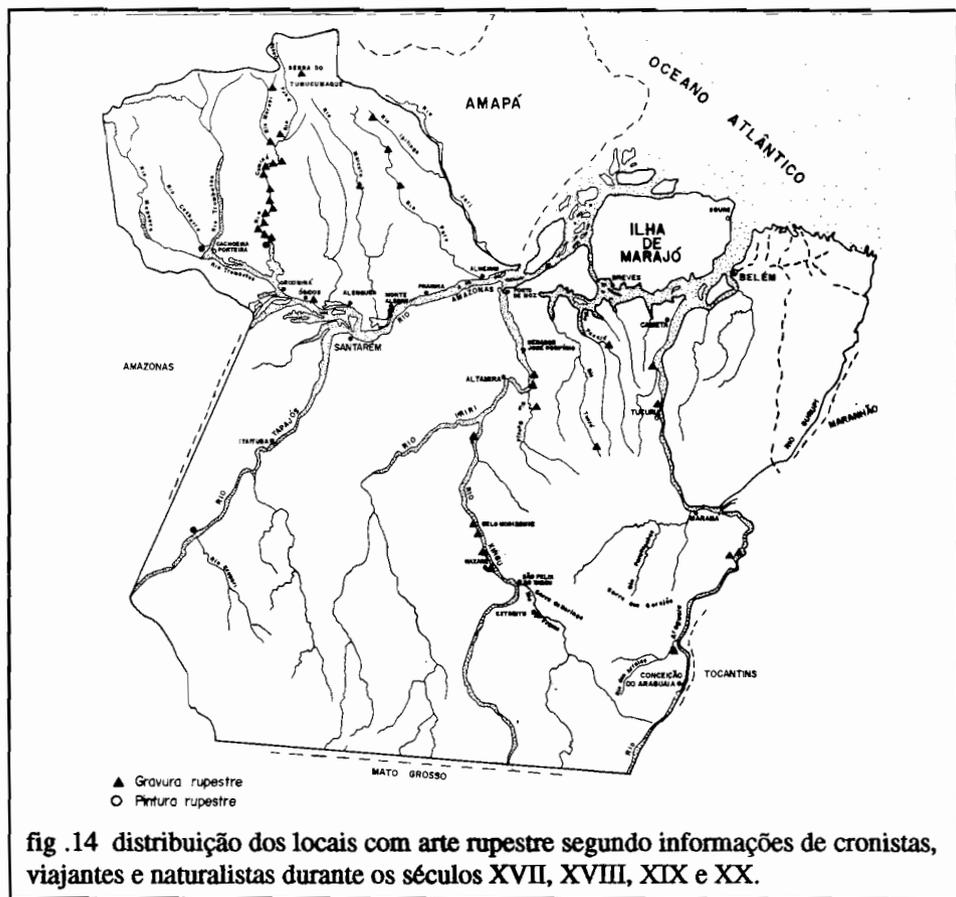
As informações deixadas por cronistas, viajantes e naturalistas sobre a existência de pinturas e gravuras rupestres no Estado do Pará constituem uma importante fonte para o conhecimento dos registros rupestres dessa região.

Ao sistematizar estas informações foi possível avaliar o potencial que a região oferece e também observar algumas características gerais relacionadas às técnicas a às formas de apresentação das pinturas e das gravuras rupestres dando com isso uma visão geral da sua ocorrência na região.

O mapa elaborado a partir das informações coletadas aponta a existência 42 locais com registros rupestres que estão concentrados em três grandes áreas de concentração: a área dos rios Araguaia/Tocantins, a área do rio Xingu e o noroeste do Pará.

O noroeste do Pará, por apresentar a maior quantidade de fotos e desenhos, permitiu uma análise mais detalhada do conjunto de gravuras rupestres. Alguns grafismos característicos desta área, como p. ex., as figuras antropomorfas com a representação de rosto e traços raiados sobre a cabeça e as figuras zoomorfas apresentam semelhanças gráficas com as gravuras já conhecidas em outros Estados da Amazônia (Keller, 1874; Koch-Grümbert, 1917; Spix & Martius, 1938; Aguiar, 1944; Grabert & Schobinger, 1969/70; Wallace, 1979; Simões, 1980, 1981; Araújo Costa et. ali., 1986; Ribeiro et. ali., 1986; Ribeiro et. alli, 1987; Ribeiro et. alli, 1989) e de outros países do norte da América do Sul (Willians, 1985; Porras, 1985; Dubellar, 1986). Essa semelhança nos leva a pensar na existência de relações entre as gravuras do noroeste do Pará com aquelas do oeste amazônico e do norte da América do Sul.

As informações bibliográficas aqui registradas nos permitem ter uma primeira visão dos registros rupestres do Estado do Pará. O estudo destes vestígios arqueológicos está ainda em uma fase preliminar, no entanto, as referências aqui apresentadas dão uma idéia da existência de uma fonte de vestígios que, sendo estudados, contribuirão para a reconstituição da pré-história da Amazônia.



✉ Av. Gal. Deodoro, 1388/102 - Nazaré/Cremação - Belém/PA ☎ (091)223 48 31

BIBLIOGRAFIA

- ALBANO, Rosângela. 1982. **Bibliografia sobre arte rupestre**. Arquivos do Museu de História Natural, vol.IV/V (anos 1979/80). Belo Horizonte.
- ARARIPE, Tristão. 1887. **Cidades Petrificadas e inscrições lapidares no Brasil**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo L, 213-294. Rio de Janeiro.
- ARAÚJO COSTA, Fernanda et. alli. 1986. **Levantamento arqueológico na área da Usina Hidrelétrica da Cachoeira Porteira**. Relatório de Viabilidade. MS inédito. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém.
- ARAÚJO COSTA, Fernanda & CALDARELLI, Solange. 1988. **Programa de Estudos Arqueológicos na Área do Reservatório de Kararaô (PA)**. Relatório de Viabilidade. MS. inédito. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém.
- ATZINGEN, Noé Von. 1989. Estudo preliminar visando a implantação da área de Proteção Ambiental Serra das Andorinhas - São Geraldo do Araguaia (Pará). Ms. inédito.
- ALBUQUERQUE, Odorico Rodrigues. 1922. Reconhecimento Geológico no Valle do Amazonas (Campanha de 1918 e 1919). **Boletim do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil**, nº 3. Rio de Janeiro.
- AGUIAR, Brás Dias. 1942. Geografia Amazônica: nas fronteiras do Norte. **Revista Brasileira de Geografia**, nº 3, ano VI. Rio de Janeiro.
- , 1942. Nas fronteiras da Venezuela e Guianas Britânicas e Neerlandezas de 1930 a 1940. **Anais do IX Congresso de Geografia**.
- BELTRÃO, M<sup>a</sup> Conceição M. Coutinho & COSTA, M<sup>a</sup> Helena Fenelón. 1972. Gravuras e pinturas rupestres do Brasil. **Dédalo - Revista de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**. Ano 8, 16:5-8. São Paulo.
- BAENA, Antônio L. M. 1839. **Ensaio Geográfico sobre a Província do Pará**. Ed. Santos & Menor. 589 p. Belém.

- CARVALHO, Alfredo. 1930. **Pré-história sulamericana**. Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambuco, 14(76):129-292. Recife.
- COLONELLI, C.A. & MAGALHÃES, E. A. 1975. **Arte rupestre no Brasil: uma bibliografia anotada**. Dédalo, ano XI, nº 21/22. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- COSTA, Angione. 1980. **Introdução à Arqueologia Brasileira**. Biblioteca Pedagógica Brasileira, Col. Brasiliana, vol. 34. São Paulo.
- COUDREAU, Henry. 1897. **Voyage au Tocantins et Araguaia. 31 dezembro 1896 - 23 de maio 1897**. Paris. A. Lahure, Imprimeur-Editeur.
- , 1899. **Voyage entre Tocantins et Xingu**. Paris. A. Lahure, Imprimeur-Editeur.
- , 1977. **Viagem ao Xingu**. Coleção Reconquista do Brasil, vol.49. Editora Universidade de São Paulo. São Paulo. Livraria Itatiaia. Belo Horizonte.
- , 1977a. **Viagem ao Tapajós**. Coleção Reconquista do Brasil, vol. 44. Editora Universidade de São Paulo. São Paulo. Livraria Itatiaia. Belo Horizonte.
- COUDREAU, Olga. 1900. **Voyage au Trombetas. 7 août 1899 - 25 novembre 1899**. Paris. A. Lahure, Imprimeur-Editeur.
- , 1901. **Voyage au Cumíná**. 20 avril 1900 - 7 septembre 1900. Paris. A. Lahure, Imprimeur-Editeur.
- , 1903. **Voyage au Maicuru**. 5 juin 1902 - 12 janvier 1903. Paris. A.
- , 1903. **Voyage a la Mapuerá**. 21 avril 1901 - 24 décembre 1901. Paris. A. Lahure, Imprimeur-Editeur.
- CREVAUX, Jules. 1887. **Voyage dans L'Amérique du Sud**.
- CRULS, Gastão. 1954. **A Amazônia que eu vi. óbidos-Tumucumaque**. Col. Brasiliana, Vol. 113. Ed. Nacional. São Paulo.
- DANIEL, João. 1976. **Tesouro Descoberto no Rio Amazonas (1757-1776)**. Anais da Biblioteca Nacional, vol. 95, 2 tomos. Rio de Janeiro.

- DERBY, Orville A. 1897/98. **O Rio Trombetas**. IN: Trabalhos inéditos da Comissão Geológica do Brazil (1875/78). Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia. Tomo, fasc. 1-4. Belém.
- DIAS, Ondemar. 1969. **As inscrições e as pinturas pré-históricas no Brasil**. Boletim do Serviço Museus. Gov. Estado da Guanabara.
- DUBELAAR, Cornelius N. 1986. **The petroglyphs in the Guianas and adjacent areas of Brasil and Venezuela: An inventory with a comprehensive Bibliography of South American Petroglyphs**. The Institute of Calif., Los Angeles. Monumenta Arqueológica, 12, 326 p. 261 fig.
- , 1986. **South American and Caribbean Petroglyphs**. Foris Publ., Dordrecht/Riverton. 249 p., 40 fig., bibl. 31p., Index. Caribbea Series, 3.
- EHRENREICH, Paul. 1948. **Os petróglifos da Ilha dos Martírios**. IN: Contribuição para a Etnologia do Brasil. Revista do Museu Paulista, Nove Série 2:89-93. São Paulo.
- FRIKEL, Protásio. 1961. **Fases Culturais e aculturação intertribal no Tumucumaque**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série nº 16, Antropologia. Belém.
- , 1963. **Tradição tribal e Arqueologia no Tumucumaque**. Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. XIV. São Paulo.
- , 1969. **Tradition und Archaologie im Tumuk-Humak/Nordbrasilien**. Zeitschrift fur Ethnologie, Band 94, Helf 1, Braunschweig.
- GUIDON, Niede. 1983. **L'art rupestre du Piauí dans le context sudamericain - un première proposition concernant methodes et terminologie**. These pour le doctorat d'Etat es Letters et Sciences Humanaines. Universite de Paris I. Pantheon Sorbonne.
- HARTT, Charles Frederich. 1895. **Inscrições em rochedos do Brasil**. Revista do Instituto Archeológico e Geográfico de Pernambuco, 47:301-310.
- HELLMUT, G. & SCHOMBINGER, Juan. 1971. **Petroglifos a orillas del rio Madeira (N.O de Brasil)**. Anales de Arqueologia y Etnologia, Tomo XXIV-XXV. Mendonza.
- KATZER, Frederich. 1933. **Geologia do Estado do Pará**. Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia, vol.IX. Belém.

KELLER, Franz. 1874. **The Amazon and Maderia**. London.

KOCH-GRÜMBERG, Teodor. 1907. **Sudareikanische Felszeichnungen**. Berlim.

-----, 1917. **Del Roraima al Orinoco**. Tomo 1. Ediciones del Banco Central de Venezuela.

LAGENEST, H. & BARRUEL, D. 1958. **Desenhos rupestres perto de Marabá**. IN: Marabá, cidade do diamante e da castanha.

MATTOS, Aníbal. 1938. **Inscrições rupestres**. IN: Pré-história Brasileira. Biblioteca Pedagógica Brasileira, Col. Brasiliana, série 5 vol. 137, 220:294. São Paulo.

MAYOR, João Sotto. 1914. **Diário da Jornada que o Padre João de Sotto Mayor fez ao Pacajá em 1656**. Rev. Inst. Hist. Geog. Brasileiro, Vol. LXXVII, parte II. Rio de Janeiro.

MENDES, Josué Camargo. 1970. **Conheça a Pré-História brasileira**. São Paulo.

MORAES, Luciano Jacques. 1924. **Inscrições Rupestres no Brasil**. Inspectoria Federal de Obras contra a seca. Rio de Janeiro (64):56.

MOURA, Ignácio Baptista. 1910. **De Belém a São João do Araguaia - Valle do Rio Tocantins**. Rio de Janeiro.

NETO, Ladislau. 1885. **Investigações sobre Arqueologia Brasileira**. Arquivos do Museu Nacional, vol VI. Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Adelino Ignácio. 1928. **Através da Guyana brasileira pelo rio Erepecurú - Estado do Pará**. Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, Boletim nº 31, Rio de Janeiro.

-----, 1928a. **Reconhecimento geológico no rio Xingu, Estado do Pará**. Boletim do Serviço Geológico e Mineralógico, 29:1-55. Rio de Janeiro.

PALLESTRINI, Luciana. 1969. **Pinturas Rupestres Brasileiras**.

PEREIRA JR., José Antero. 1952. **O Segredo das Itacoatiaras**. Rev. Inst. Hist. Geog. de São Paulo, 48:189-212. São Paulo.

PEROTA, Celso. 1978. **Relatório de trabalhos de campo/1978**. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (PRONAPABA), Ms. inédito. CNPq. - INPA-IPHAN-UFES.

- PROUS, André. 1989. **Arte rupestre brasileira: uma tentativa de classificação.** Revista de Pré-História, vol. 7. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- , 1991. **Arqueologia Brasileira.** Editora Universidade de Brasília. Brasília.
- RAMOS, Bernardo A. Silva. 1930/39. **Inscrições e Tradições da América Pré-Histórica, especialmente do Brasil.** Imprensa Oficial, 2 vol. Rio de Janeiro.
- RAUSCHERT, Manfred. 1956. **Berich uber den Verlauf meiner Pará-Expedition 1954-1955.** Zeitschrift fur Ethnologie Berlines Gessellschat fur Antropologie 8190 p. 111-117.
- , 1959. **Felszeichnungen am unteren Erepecuru.** Zeitschrift fur Ethnologie 84 (1).
- RIBEIRO, Pedro A. Mentz; RIBEIRO, Catharina Torrano; GUAPINDAIA, Vera Lúcia C.; PINTO, Francisca Cira B.; FÉLIX, Luis Araújo. 1986. **Projeto Arqueológico de Salvamento na Região de Boa Vista, Território Federal de Roraima, Brasil - Segunda etapa de campo (1985) - Nota Prévia.** Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas - CEPA. Santa Cruz do Sul.
- RIBEIRO, Pedro A. Mentz; MACHADO, Ana Lúcia & GUAPINDAIA, Vera Lúcia Calandrini. 1987. **Projeto arqueológico de salvamento na região de Boa Vista, Território Federal de Roraima, Brasil - primeira etapa de campo (1985).** Rev. do Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica - CEPA, vol. 14, nº 17, junho. Santa Cruz do Sul.
- RIBEIRO, Pedro A. Mentz.; RIBEIRO, Catarina T. & PINTO, Francisca Cira Bezerra. 1989. **Levantamento Arqueológico no Território Federal de Roraima - 3ª etapa de campo: 1989.** Revista do Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica - CEPA, vol. 16, nº 19. Santa Cruz do Sul.
- ROHAN, H. B. 1904. **A Serra dos Martírios.** Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Tomo XVII. Rio de Janeiro.
- RONDON, Cândido Mariano. 1953. **Índios do Brasil do Norte do Rio Amazonas.** Vol. III. Rio de Janeiro.
- ROUSE, Irving. 1949. **Petroglyphs.** In: Stward, J. H. (ed.) Handbook of South American Indians, vol. 5, p. 493-502. Washington.

- SIMÕES, Mário Ferreira & ARAÚJO COSTA, Fernanda 1978. **Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos**. Publicações Avulsas n° 30, Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém.
- SIMÕES, Mário Ferreira. 1981. **As pesquisas arqueológicas no Museu Paraense Emílio Goeldi (1870-1981)**. Supl. Acta Amazônica 11 (1): 149-165.
- SIQUEIRA, José Manoel. 1886. **Memórias a respeito do Descobrimento dos Martyrios pelo Rev. José Manoel Siqueira**. In: Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Tomo II. 10 Boletim. Rio de Janeiro.
- SOUZA, Nicolino José Rodrigues. 1946. **Diário das três viagens (1877-1878-1882), do Reverendo Pe. Nicolino Souza ao Cuminá afluente da margem esquerda do rio Trombetas do rio Amazonas Typ**. Nacional Rio de Janeiro.
- SPIX, Johann Baptist von.; & MARTIUS, Carl Friederich P. von 1938. **Viagem pelo Brasil**. 3° volume. Rio de Janeiro.
- TOCANTINS, Antonio M. Gonçalves. 1887. **Estudos sobre a tribo Mundurucu**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. LX. Rio de Janeiro.
- VELLARD, J. 1931. **Pétroglyphes de la région de l'Araguaya**. Journal de la Société des Americanistes, Nouvelle Série - tome XXIII (fasc. 1).
- WALLACE, Alfred Russel. 1979. **Viagens pelos Rios Amazonas e Negro**. Col Reconquista do Brasil, vol. 50. Universidade de São Paulo (São Paulo).